

**CARAMBAIA**

---

**Andreas  
Latzko**

---

Homens  
em guerra

---

Tradução  
**Claudia Abeling**

---

Apresentação  
**Stefan Zweig**

---

Depoimento  
**Romain Rolland**

APRESENTAÇÃO 7

*Stefan Zweig*

A PARTIDA 13

BATISMO DE FOGO 33

O VENCEDOR 75

O COMPANHEIRO –  
UM DIÁRIO 93

A MORTE DE UM HERÓI 115

A VOLTA PARA CASA 123

DEPOIMENTO 145

*Romain Rolland*

**ANDREAS LATZKO**

Não tínhamos ouvido falar muito dele antes da guerra; no máximo, conhecia-se seu nome como o de um hábil e vívido escritor; uma peça escrita por ele havia sido encenada um dia em algum palco, um romance de sua autoria tinha saído em algum lugar. De vista, lembrava-se do nome dele impresso no jornal ou de uma resenha. Mas não sabíamos nada de mais preciso sobre ele.

Veio, então, este livro: *Homens em guerra*; veio como uma libertação. Lembro-me, ainda hoje – e nunca me esquecerei –, da primeira vez que o li.

Foi na Áustria, país separado do mundo, e estávamos sentados, os punhos fechados, dentes cerrados. A palavra, nossa força, não era mais possível, e, como surdos-mudos, só podíamos nos comunicar por meio de sinais misteriosos; nós, os raros conscientes no meio da loucura funesta da

multidão. E assim surgiu – como essas coisas surgem? –, assim surgiu de algum lugar o boato de que um livro acabava de ser publicado na Suíça, o livro de um oficial austríaco que finalmente falava a verdade. Soltamos um grito de alegria: a verdade, acorrentada, tinha rompido suas correntes, suplantou as cem barricadas da censura, foi ouvida no mundo inteiro! Esperamos pelo livro, o livro proibido que os guardas espreitavam diligentemente nas fronteiras para que não viesse envenenar a mentira tão bem cuidada pelo grande entusiasmo; para que nenhum sopro de ar livre viesse animar nossa pesada atmosfera. E, finalmente, um amigo o trouxe, Deus sabe por qual contrabando! Eu vejo, ainda hoje, esse exemplar impossível de encontrar: a capa tinha sido arrancada e substituída por outra, absolutamente inofensiva; todas as páginas estavam gastas e rasgadas por terem passado por um monte de mãos apressadas e sedentas de leitura. E também me lembro de nós lendo-o: entusiasmados, com as bochechas ardentes como crianças que leem um livro proibido, e embriagados por um maravilhoso êxtase de fraternidade. Pois aquele era o grito reprimido de milhões de homens ao nosso redor, que jorrava como um jato de sangue de uma boca; era a verdade, que conhecíamos apenas envolta num torturante silêncio, finalmente descrita em palavras. Sabíamos que aqui, nossa inimiga, a guerra, estava crucificada. Quanto aos nossos generais, que percorriam nossas ruas de um lado para outro em seus automóveis com ar de senhores e respondiam apaticamente às saudações apavoradas e servis dos seus lacaios, sabíamos que, aqui, nossos generais tinham sido arrancados de seus uniformes cintilantes e colocados a nu diante dos olhares, em suas pequenas humanidades. E o que ainda se assemelhava, em nós, a um orgulho nacionalista nos jubilava: também tínhamos mandado para o mundo, para a humanidade panfraterna, um mensageiro da amargura e da raiva sagrada.

Este livro foi assim para nós; ainda não sabíamos o nome desse corajoso. Mas desde que o conhecemos, Andreas Latzko, tanto o homem, como o artista, passou a ser eternamente inesquecível. Nele, a força mais pura do poeta, a piedade – a compaixão pelos sofrimentos do outro –, tinha se tornado uma força tão elementar na amplitude monstruosa da miséria europeia que ela desvendava incontavelmente cada destino e sabia abalar até a mais dura das cascas. Não era mais o homem que falava para o homem, mas a própria humanidade que soltava seu grito de horror. Diante do tribunal da História, introduziu-se um testemunho cuja voz incorruptível e pura contava o sofrimento dos seres; e, atrás dele, estavam de pé os milhões de vivos e os milhões de mortos que falavam através da sua voz. E essa voz não se cansava. Uma segunda vez, no seu *Friedensgericht* [tribunal de paz], ele repetiu a acusação, já com um tom mais calmo, mais objetivo, mais incisivo, mais dominador, mas com essa indestrutível amargura de quem viu a morte e a tortura dos homens. E, coisa estranha: enquanto o mais forte dos poderes que a Terra conheceu desde muito tempo ruiu, a palavra de acusação ainda vive, da mesma forma que os documentos sobrevivem aos príncipes, e os poetas, aos reinados. E essa palavra sempre renovará suas forças. Ela é mais viva do que nunca, hoje, quando a mentira heroica cresce tal como uma bola de neve entre as multidões humanas, enquanto as novas gerações caminham para o abismo onde a nossa foi esmagada e enterrada na noite em nome do sofrimento incomensurável.

Advogado do sofrimento, defensor da eterna liberdade do homem eterno, esse homem que resolveu um dia assumir esse papel não deve abdicar como os príncipes ou demitir-se como um ministro do acaso. Ele não pode voltar atrás e abaixar-se às pequenas intrigas da literatura, aviltar-se forjando pequenos contos para o deleite do público

burguês; tudo o que ele escreve deve valer agora para toda a humanidade e para seu sentido mais profundo: sua unidade. Portanto, olhamos para Latzko com uma expectativa fraterna. Nosso reconhecimento e nossa confiança o elegem mensageiro do invisível parlamento da Europa-Una, advogado da necessária Fraternidade que se tornou o sentido e a meta das nossas vidas.

*Salzburg, 1919*

---

Texto publicado originalmente como prefácio da edição de *Le dernier homme*, de Andreas Latzko (Genebra, Éditions du Sablier, 1920).

Ao amigo e inimigo

“Com certeza chegará o tempo em que todos pensarão como eu.”

STEFAN ZWEIG (1881-1942), escritor austríaco, autor de *Brasil, um país do futuro*. No início dos anos 1930, deixou a Áustria fugindo da perseguição aos judeus na Europa. Na década seguinte, exilou-se com a esposa, Lotte, em Petrópolis (RJ). Ambos se suicidaram durante o Carnaval de 1942.

Era o final do outono do segundo ano da guerra, no jardim do hospital de uma pequena cidade do interior da Áustria. Situada aos pés de colinas cobertas por florestas, como que escondida por trás de um biombo, ela ainda não perdera sua sonolenta índole pacífica.

As locomotivas apitavam dia e noite, os trens carregados seguiam até o front com soldados enfeitados, cantantes, pilhas de bolas de feno, gado de abate mugindo, sombrios vagões cuidadosamente fechados com munição; os outros se arrastavam lentamente para casa, marcados pela cruz ensanguentada que a guerra lançara sobre as paredes e os moradores. A grande sanha cruzava a cidadezinha sem conseguir afugentar sua calma, como se as casas baixas, de cores claras e fachadas com antigos ornamentos, tivessem chegado a um acordo silencioso para ignorar solenemente o intruso exigente e barulhento que virava tudo de ponta-cabeça.

Nos parques, crianças brincavam, sem serem importunadas, com as grandes folhas vermelho-ferrugem das velhas castanheiras; mulheres conversavam em pé na porta das lojas; em algum lugar de cada ruazinha, uma garota de lenço colorido na cabeça limpava um vidro de janela. Apesar das bandeiras de hospital que se agitavam na frente de quase todas as casas, apesar das muitas placas, inscrições e orientações de percurso que o invasor fixara no semblante da cidadezinha indefesa, a paz permanecia – mesmo a 50 quilômetros de distância do combate, cujo brilho tremeluzia no horizonte como fogo cênico em noites claras. Quando, por instantes, cessava o fluxo dos barulhentos veículos pesados, nenhum trem estremecia a ponte férrea e, por acaso, nenhum toque de trompete nem estalido de sabre musicavam a guerra, a cidadezinha rapidamente apresentava seu rosto bondoso-entediante de interior para, em seguida, se esconder, resignada, atrás da mal-ajambrada máscara de soldado diante da próxima viatura de general a dobrar a esquina com uma pressa arrogante.

Decerto que, ao longe, os canhões espocavam como se fossem enormes cães de tocaia embaixo da terra, prontos para o salto, rosnando para o céu. O latido surdo dos grandes morteiros chegava de lá como a tosse pesada da sala de enfermos, assustando os despertos que, com os olhos vermelhos de choro, escutam atentamente o moribundo. As longas sequências de casas baixas também estremeciam, ruidosas, e ouviam assustadas essa tosse convulsionar tantas vezes o solo como se a angústia da guerra estivesse pousada no peito do mundo feito pesadelo. Assustadas, as ruas encaravam umas as outras, piscando sonolentas no reflexo das pequenas lâmpadas noturnas, que projetavam dançantes sombras animadas sobre os corredores estreitos entre as camas. Os quartos abarrotados de aflição lançavam para a noite gritos agudos, choramingos, gemidos.

Cada som humano que saía pelas janelas abertas era como um ataque furioso ao silêncio, acusação selvagem contra a guerra que, lá adiante, fazia seu trabalho, deixando para trás, como lixo, corpos humanos dilacerados, enchendo todas as casas com sua imundície sangrenta.

Mas as belas fontes de ferro fundido continuavam gorgolejando serenas, falando com uma resistência tranquilizadora sobre os dias de sua juventude, quando os homens ainda tinham tempo e cuidado para com linhas de curvas nobres, e a guerra era assunto de príncipes e aventureiros. De cada ornato e de cada esquina fluía o conto de fadas, caminhando com passos leves por todas as vielas, sussurrando sobre paz e conforto como uma mexeriqueira, e as velhas castanheiras aquiesciam, afagavam com as sombras de seus dedos abertos as fachadas assustadiças para acalmá-las. O passado vicejava tão perto pelas frinchas dos muros que todos que entravam em seu círculo não escutavam o trovejar dos canhões, mas o ruído das fontes; de seus leitos febris os doentes e feridos, serenados, ouviam a noite animada; homens macilentos, carregados em padiolas balangantes pela cidadezinha, esqueciam-se do inferno de onde vinham; e mesmo as vítimas com muitas bagagens que passavam estrondeantes na célere marcha noturna diminuía o passo, como se tivessem topado com a paz e com seu próprio eu desarmado, à sombra dos pilares e marquises floridas.

Acontecia com a guerra o mesmo que com o rio, que vinha do norte com furiosa pressa, espumando de raiva sobre cada pedrinha do seu caminho – e que, do outro lado da cidade, junto às últimas casinhas, despedia-se suave e elevado, todo manso, chapinhando baixo, como que na ponta dos pés, adormecido pelo devaneio que refletia. Largo, ele cruzava os campos e fazia uma curva pelo hospital da guarnição que ficava à sombra de plátanos de troncos gordos,



como numa ilha. O murmúrio do curso indolente misturava-se de três lados ao farfalhar das folhas, como se o jardim regesse, à noitinha, compassivo, uma canção de ninar para os feridos que sofriam em formação de tropa, regulamentados até a chegada da morte, até o túmulo, no qual eles – sapateiros, funileiros, camponeses e amanuenses caídos – eram enterrados sob salvas de armas ferozes.

O toque de recolher acabara de silenciar; durante a ronda, os vigias descobriram três atrasados à sombra da grande alameda e os mandaram para casa.

– Talvez vocês sejam oficiais, certo? – grunhiu, gaiato, o comandante, um parrudo oficial da reserva de têmeoras grisalhas. – A tropa tem de estar na cama às nove!

E, apenas para garantir sua honra, ele acrescentou com uma acidez mal fingida a ameaça:

– Vamos! É para hoje ou não?

Ele quase proferiu a ameaça habitual nesses casos, a de “fazer nascer pernas”; mas, no último instante, conseguiu engolir a frase e fez cara de quem tinha se engasgado. Pois os três, que foram manquitolando em direção ao portão da unidade, certamente não teriam nada contra nascerem outras pernas. Foram se arrastando, a três, juntos somando dois pés e seis muletas crepitantes. Como se mãos de maestros, preocupadas com a simetria, tivessem organizado a cena, à direita vinha um ao qual restara apenas a perna direita, à esquerda seu oposto, saltando com o pé esquerdo; e no meio balançava, entre duas muletas altas, o coto lamentável de um corpo humano, as pernas vazias da calça sobre as costas, presas no peito; o homem inteiro caberia num berço de tão pequeno.

De cabeça pensa e punhos cerrados, o oficial acompanhou o grupo com o olhar, como que oprimido pelo peso da visão, rosou um impropério que não soava exatamente patriótico e cuspiu um largo arco entre os dentes

da frente. Ao se virar para partir, uma risadaria chegou ao seu ouvido vinda do outro lado do jardim, da direção da ala dos oficiais. Petrificado, ele encolheu a cabeça como se tivesse sido golpeado no pescoço e, sobre seu rosto largo, bonachão, de camponês, faiscou um ódio incontável. Ele cuspiu mais uma vez para se acalmar, tomou impulso e passou pelo animado grupo com uma saudação rígida.

Os senhores agradeceram de maneira descontraída. Estavam sentados – contaminados pelo refrigério que levitava sobre a cidade feito uma nuvem –, conversando animadamente sobre a guerra, sobre quatro bancos que formavam um quadrado diante da casa e... riam, como estudantes divertidos que gracejam felizes sobre os temores de provas já superadas. Cada um tinha cumprido sua tarefa, recebido sua parte e, com a proteção de seu ferimento, aguardava confortavelmente as férias em casa, os reencontros, as festas e ao menos duas semanas inteiras como pessoas não numeradas.

O jovem tenente, que eles chamavam de “muçulmano” devido a seu barrete maometano de oficial de um regimento bósnio, era o que ria mais alto. Sua perna esquerda, bastante machucada por uma carga que explodira ao se soltar da cartucheira, estava havia semanas imobilizada em um rígido invólucro de gesso, cuidadosamente protegido por seu proprietário, que, apoiado em muletas, carregava-o como um objeto estranho, de valor, que fora confiado a ele.

Dois homens sentavam-se no banco à frente do muçulmano: um oficial da cavalaria – o único na ativa do grupo –, golpeado no braço direito, e um oficial da artilharia, professor de filosofia na vida civil, por essa razão chamado apenas de “filósofo”, com o lábio agora leporino por causa de um estilhaço de granada, mas já em vias de cicatrização.

Sozinhos, esses três mantinham, juntamente com as duas senhoras no banco junto ao muro, a conversação, pois o quarto, um tenente da reserva calvo, conhecido compositor de óperas na vida civil, sentava-se sozinho no seu banco, perdido em pensamentos, sem tomar parte na conversa, os membros a tremer e olhos sem descanso. Ele chegara havia apenas uma semana com uma severa crise nervosa nascida na batalha de Doberdò. O horror ainda morava nos seus olhos. Ensimesmado e sombrio, ele não oferecia nenhuma resistência a nada, ia para a cama ou sentava no jardim, separado dos outros por uma parede invisível, a qual encarava. Mesmo a chegada inesperada de sua linda mulher loira não conseguiu espantar, por um momento que fosse, a visão dos eventos cruéis que sacudiram seu equilíbrio. Com o queixo encostado no peito, ele ouvia as sussurradas palavras carinhosas da mulher sem um sorriso, esquivava-se para o lado, como se tomado por uma convulsão, todas as vezes que ela – com um amor infinito na ponta dos dedos – procurava, medrosa, um contato com suas pobres mãos trêmulas.

Pesadas lágrimas rolavam sobre o rosto sedento de carinho da pequena mulher, que tão corajosamente atravessara todas as zonas interditas até chegar ao hospital na área de guerra – e agora, após a alegria libertadora: ao encontrar o marido vivo, inteiro, ela sentia subitamente uma resistência enigmática, um último obstáculo inesperado, que não podia afastar com súplicas, com choro, e que a separava de maneira inclemente de seu desejo. Ela estava sentada ao seu lado num torturante desespero, quebrando a cabeça, sem encontrar uma explicação para a hostilidade que ele irradiava. Os olhos dela perfuravam a escuridão, suas mãos faziam sempre o mesmo percurso, Tateando tímidas a frente, para se retrair, como que chamuscadas, quando a repulsa malévola a lançava em novo desespero.

Era difícil ter de engolir assim a dor, não conseguir arrancar, com um grito cheio de reprimenda, o segredo que o marido mantinha tão teimosamente entre si mesmo e seu único apoio. Também era duro participar da conversa ligeira com uma alegria fingida pelo “feliz” reencontro. Ter de dar apartes constantes e não perder a paciência com as eternas risadinhas da outra. Essa, sim, estava com a vida fácil! Sabia que o marido estava protegido em um alto posto atrás do front e tinha fugido da monotonia de seu lar sem filhos para a animada vida do hospital. Desde as sete, ela estava pronta para partir, com chapéu e sobretudo, mas sempre se deixava convencer a ficar e flertava brejeira, como se não soubesse mais nada sobre todas as torturas que vira durante o dia na edificação em que agora apoiava as costas. A pequena mulher tristonha ficou aliada quando a escuridão fechou totalmente e ela pôde se afastar da fofqueira frívola sem ser notada.

Mesmo assim, a esposa do major, apesar do riso provocativo, do ar de importância que empregava para falar de suas “obrigações de enfermeira”, estava impregnada – sem saber – por um sentimento que a arrebatava. A grande onda de cuidados maternais que abarcava todas as mulheres quando a hora fatal soava para os homens também a alcançara. Ela vira os três homens, em cujo círculo agora ela confortavelmente trocava amenidades, banhados em sangue, desajeitados, gemendo de dor – como milhares de outros. E sua faceirice era nutrida por um pouco da alegria da galinha que vê os pintinhos crescendo. Desde que os homens passaram a gestar a própria morte, mês após mês, acorados, rastejantes, famélicos, assim como mulheres gestam seus filhos, desde que suportar e esperar, conformar-se passivamente com o perigo e a dor, trocou de gênero, as mulheres sentiam-se fortes e, mesmo em sua sensualidade, distinguia-se algum brilho da nova paixão pelos cuidados maternais.

A triste mulher loira, que acabara de chegar de uma região na qual a guerra existia apenas nas conversas, totalmente focada no marido, padecia com a familiaridade que não fazia distinção entre os sexos e que se espalhava à sombra da morte e do sofrimento no jardim do hospital, cada vez mais envolvido pela escuridão. Os outros, porém, estavam em casa na guerra, falavam sua língua, mistura de obstinada vontade de viver e de uma paradoxal suavidade dos homens, nascida do excesso de brutalidade e de uma frieza curiosa, falante, das mulheres, tão acostumadas a ouvir falar de sangue e morte que sua eterna curiosidade soava como dureza e crueldade histórica.

O muçulmano e o oficial da cavalaria atazanavam o filósofo, faziam troça dos vernaculistas, dos cismadores e de outros desperdiçadores de tempo e se alegravam com crianças pelo seu enorme constrangimento em relação à esposa do major, que, por decoro feminino, oferecia apoio à bonomia indefesa do filósofo, enquanto os olhos dela brilhavam cheios de apaixonante doçura para os outros, que levavam as mãos de maneira desajeitada à boca.

– Deixem o pobre velho homem em paz – ela o defendeu com uma risada gorgolejante –, ele tem razão. A guerra é medonha. Os dois estão apenas fazendo troça do senhor! – ela piscou, tranquilizando-o.

O filósofo sorriu fleumático e ficou em silêncio. Rangen-do baixinho os dentes, o muçulmano ajeitou melhor a perna no banco, que, com seu brilho branco, era a única coisa dele que permanecia visível no escuro. Ele riu:

– O filósofo? Sim, o que o filósofo sabe sobre a guerra, senhora? Ele é da artilharia! Apenas a infantaria faz a guerra. Será que a senhora sabe...

– Aqui me chamo “enfermeira Engelberta” – ela atalhou, e seu rosto quase ficou sério por um instante.

– Perdão, enfermeira Engelberta! Artilharia e infantaria são como homem e mulher. Nós, da infantaria, temos de parir a criança, caso seja preciso nascer uma vitória. A artilharia fica apenas com a diversão, como o homem no amor; anda cheio de orgulho quando a criança foi batizada. Não tenho razão, cavaleiro? Agora o senhor também é um cavaleiro a pé.

O oficial da cavalaria concordou com um resmungo. De acordo com sua opinião lacônica, políticos que não liberavam dinheiro suficiente para o Exército, socialistas e pacifistas – resumindo: todos os que proferiam, escreviam ou ensinavam palavras supérfluas e viviam “de serem inteligentes” – deveriam estar na mesma categoria de “ratos de biblioteca”, como o filósofo.

– Sim, sim – ele disse com sua voz tonitruante –, um filósofo desses serve muito bem para a artilharia. Ficar no alto da montanha, esperando, e mais nada. Sorte de eles não atirarem nos nossos próprios homens. Com os italianos na nossa frente, sempre foi fácil; mas, com vocês às nossas costas, assassinos traiçoeiros, tenho um respeito dos diabos. Mas vamos parar de falar de guerra, senão vou me deitar. Finalmente, estamos na companhia de duas senhoras encantadoras e vocês não param de falar do maldito tiroteio. Deus do céu, quando a primeira moça loira entrou no trem-hospital com uma toquinha branca no cabelo cacheado, minha vontade era de pegar sua mão e ficar o tempo todo olhando para ela. Palavra de honra, senhora: esse pouquinho de tiro ao alvo logo se transforma num tédio; os piolhos, as pulgas, os percevejos são um porre, mas o pior é a falta absoluta da delicada feminilidade. Não ver outra coisa senão homens durante cinco meses – e depois voltar a ouvir uma vozinha suave, amorosa, de mulher!... É o melhor! Entrar na guerra vale por isso.

O rosto animado, radiante de juventude, do muçulmano transformou-se numa careta.

– O melhor? Para ser sincero, não sei, senhor... Tomar banho, deitar-se numa cama branca, com o curativo trocado, sabendo que haverá sossego por algumas semanas... Essa é uma sensação como... Não há comparação. Mas tornar a ver as mulheres também é muito bom.

O filósofo tinha inclinado sua cabeça epicurista redonda, carnuda, sobre o ombro; seus olhos pequenos, astutos, brilhavam úmidos. Ele olhava para uma mancha branca, que a escuridão quase palpável fazia supor ser o vestido branco da esposa do major, e começou a contar lentamente, com a voz baixa e cantante:

– O melhor, creio, é o silêncio. Quando se esteve lá no alto das montanhas, onde cada tiro vai e volta cinco vezes, e depois, de repente, tudo fica em silêncio, nada de silvos, nada de gemidos, nada de estrondos, nada além de um silêncio maravilhoso, o qual é possível ouvir como uma peça musical... Passei as primeiras noites em vigília, sentado, apurando os ouvidos para esse silêncio, como se fosse uma melodia que queremos escutar à distância. Creio que até chorei um pouco, tão belo foi ouvir que não se ouvia mais nada!

O oficial da cavalaria lançou seu cigarro para longe, fazendo com que este atravessasse a noite como um cometa lançando faíscas, e bateu nas coxas.

– Ora, então – ele falou com desdém –, a senhora entendeu? “Ouvir que não se ouvia mais nada.” A isso chamam de filosofia. Mas eu conheço coisa ainda melhor! Não ouvir o que se ouve. Principalmente quando se trata de uma bobagem filosófica.

O grupo riu – e o desdenhado riu também, benevolente. Ele também estava embebido pela paz que a cidade sonolenta soprava naquele jardim outonal. E as piadas agressivas do cavaleiro ricocheteavam nele como tudo o que

poderia diminuir a doçura dos poucos dias que o separavam da volta ao front. Ele queria aproveitar seu tempo, lentamente, de olhos fechados: como criança que precisa entrar no quarto escuro.

A esposa do major curvou-se para a frente:

– As opiniões divergem sobre o que é o melhor – ela disse, e sua respiração se acelerou –, mas o que foi o mais terrível que os senhores vivenciaram lá fora? Muitos dizem o fogo de barragem; outros não conseguem superar o primeiro que viram morrer. E o senhor?

O filósofo, a quem a pergunta fora dirigida, tinha uma expressão torturada. O tema não combinava de maneira alguma com seus planos. Ele ainda estava à procura de uma resposta evasiva quando um grito incompreensível, agonizante, atraiu todos os olhares para o canto onde estavam o tenente e sua mulher. Os dois, que quase tinham sido esquecidos na escuridão, trocavam olhares assustados quando o homem cambaleante com os olhos cegos e voz desconhecida, uma marionete de membros quebrados, começou a falar rapidamente num falsete esganiçado:

– Terrível? Terrível é apenas a partida – ele disse. – Vamos embora... e temos a permissão de ir embora, isso é terrível.

Um frio silêncio sufocante seguiu-se às suas palavras; até o eterno rosto alegre do muçulmano enrijeceu num desconfortável constrangimento. A coisa veio de uma maneira tão inesperada, soou tão incompreensível e tinha – talvez pela vibração da voz do peito trêmulo ou do acento gorgolejante que parecia um soluçar ampliado – agarrado todas as gargantas e acelerado os pulsos.

A esposa do major ergueu-se num salto. Ela vira o homem chegar, amarrado numa padiola, porque seu choro sacudia-o tanto que os padioleiros não conseguiam controlá-lo de outro modo. Algo indizivelmente terrível – falava-se

– tinha levado o pobre-diabo a perder a razão, e a esposa do major foi tomada pelo medo de um acesso de loucura. Ela apertou o braço do cavaleiro e falou à outra mulher com uma pressa fingida:

– Pelo amor de Deus! Estão anunciando o último trem! Rápido, rápido, temos de correr.

Todos se levantaram; a esposa do major ficou de braços dados com a infeliz mulher miúda e insistia, cada vez mais ansiosa:

– Se perdermos o elétrico, precisaremos andar uma hora a pé até a cidade.

Confusa, com o corpo inteiro tremendo, a mulher se curvou mais uma vez diante do marido para se despedir. Ela sabia exatamente que esse grito de indignação lhe era dirigido; que continha uma reprimenda furiosa, que ela não compreendia. Sentiu o marido tenso com o toque de seus lábios e, ao pensar na noite sem fim no desleixado e frio quarto de hotel, sozinha com essa dúvida torturante, desabou no choro. Mas a esposa do major puxou-a consigo e foi somente quando passaram pelos vigias do portão, já na rua, que ela a soltou.

Os homens as acompanharam com o olhar, viram as silhuetas reaparecer mais uma vez sob a luz da lamparina da rua, escutaram o barulho do trem. O muçulmano pegou suas muletas, deu uma piscada cheia de sentido para o filósofo e falou, bocejando, sobre se recolher. O cavaleiro olhou curioso para o doente, sentiu compaixão e queria fazer uma alegria para o pobre-diabo. Bateu no seu ombro e disse sem nenhuma cerimônia:

– É preciso dizer: você tem uma mulher garbosa. Meus parabéns!

No instante seguinte, ele levou um susto. O fiapo humano sobre o banco levantou-se num salto, como que impelido por uma força subitamente despertada.

– Mulher garbosa? Sim, sim. Mulher cínica – seus lábios espumaram com um ódio que cozinhava as palavras. – Não desperdiçou nenhuma lágrima quando embarquei no trem. Estavam todas cínicas quando fomos embora. A mulher do pobre Dill também. Muito cínica! Jogou rosas para ele dentro do trem e era sua mulher havia apenas dois meses. – Ele deu uma risadinha desdenhosa e cerrou os punhos, lutando bravamente contra as lágrimas que ardiavam na sua garganta. – Rosas, ha-ha-ha, e “adeus”. Elas eram tão patriotas. Nosso comandante parabenizou Dill pela postura firme da mulher na hora da despedida. Tão firme como se estivéssemos partindo para uma manobra.

Cambaleando, com as pernas bem abertas, o tenente estava agora em pé, apoiado no braço do cavaleiro, encarando-o cheio de expectativa com seus olhos inquietos.

– Você sabe o que aconteceu com ele, com o Dill? Fui testemunha. Você sabe?

Desnorteados, o cavaleiro olhou para o outro.

– Vamos dormir. Não fique nervoso! – ele balbuciou, constrangido.

O doente interrompeu-o com um discurso triunfal, com uma voz estridente e que não era natural:

– Não sabe o que aconteceu com ele, com o Dill? Não sabe? Estávamos em pé como agora e ele queria me mostrar a nova fotografia que a mulher tinha lhe mandado. Sua corajosa mulher, ha-ha-ha, sua mulher firme. Pois firmes estavam todas. Preparadas para tudo! E estamos parados assim e um tiro de canhão foi lançado bem longe de nós, uns duzentos passos, e nem nos preocupamos em olhar. De repente, vejo uma coisa preta sair voando e o Dill tombou com a fotografia da mulher na mão... e uma bota e uma perna aparecem metidas na sua cabeça, uma bota com a perna de um soldado do trem de suprimentos que o canhão tinha estraçalhado, muito longe de nós.

Ele ficou em silêncio por um instante, olhando triunfante para o cavaleiro. Em seguida, continuou falando com um orgulho maldoso na voz, parando de vez em quando ao ser interrompido por um estranho gemido.

– Com uma espora na cabeça, uma verdadeira espora da cavalaria, do tamanho de uma moeda de cinco coroas, o pobre Dill não disse mais nada. Apenas revirou os olhos, olhou triste para a fotografia da mulher por ela ter permitido algo assim... Que coisa!... Que coisa, meu caro!... Tivemos de arrancar a bota, em quatro – em quatro! Tivemos de ficar girando para lá e para cá, sabe? Até que um pedaço do seu cérebro saiu junto... como raízes arrancadas... como um polvo cinza, morto, sobre a espora...

– Chega! – gritou com raiva o cavaleiro, que entrou na casa distribuindo improperios. Os outros ficaram olhando para ele, com vontade de segui-lo. Mas não podiam deixar o infeliz sozinho. Quando o cavaleiro puxou o braço que o apoiava, ele caiu sobre o banco, exausto, e ficou sentado choramingando igual a uma criança que levara uma surra, com a cabeça no encosto. Apenas quando o filósofo tocou de leve seu ombro, tentando fazê-lo sair de lá, ele se empertigou novamente e soltou um riso feio, quase um latido.

– Mas nós arrancamos a mulher cínica de dentro dele. Em quatro, puxamos até ela sair. Eu o libertei! Fora, ela saiu. Todas foram embora. A minha também foi embora; ela também foi arrancada. Não existe mulher nenhuma! Nenhuma mulher, nenhuma...

Sua cabeça tombou para a frente; as lágrimas começaram a rolar lentamente sobre o rosto tristíssimo.

Por trás dele, o cavaleiro voltou seguido pelo médico baixinho que estava de plantão à noite.

– O senhor tem de ir se deitar agora, tenente – o doutor falou com uma severidade forçada.

O doente jogou a cabeça para trás, encarando o rosto desconhecido sem entender. Quando o médico repetiu a frase em um tom de voz mais alto, seus olhos brilharam de súbito e ele concordou.

– Tenho de ir, claro! – repetiu, zeloso, suspirando fundo. – Todos temos de ir. Quem não vai é covarde, e ninguém quer um covarde. É isso! Você não entende? Agora, os heróis são modernos. A cínica senhora Dill queria um herói para seu novo chapéu, ha-ha-ha. Por isso, o pobre Dill teve de perder seu cérebro. Eu também... você também! Tem de se encastrar à morte, tem de deixar que o pisoteiem, pisoteiem o cérebro! E as mulheres ficam olhando – cínicas – porque agora é moda.

Com esforço, ele havia empertigado o corpo machucado contra o encosto. E encarava todos os que estavam em volta, aguardando a concordância.

– Isso não é triste? – ele perguntou, baixinho. Em seguida, com a voz subitamente indignada, novamente, tomado por raiva, seu grito ecoou de maneira terrível pelo jardim: – Isso não é traição? Não é traição? Fui assassino? Arruaceiro? Não toquei bem o piano? Temos de ser suaves e atenciosos! Sensíveis! E, de repente, porque a moda mudou, elas querem assassinos. Você entende isso?

Soltando-se do médico, ele cambaleava novamente e sua voz diminuía pouco a pouco até chegar a um lamento que, pela garganta fechada, se parecia com o balbúcio de um bêbado.

– A minha também era cínica, claro. Nada de lágrimas! Fiquei esperando, esperando, até que começasse a gritar, até que finalmente fosse me pedir para descer novamente, não partir, ser covarde para ela! Mas elas não tiveram a coragem – nenhuma delas teve essa coragem. Só quiseram ser cínicas. A minha também! A minha também! Acenou com o lenço, como as outras.

Seus braços trêmulos se ergueram, como se ele quisesse chamar o céu como testemunha.

– Você quer saber o que foi o mais terrível? – ele deu um gemido baixo, dirigindo-se para o filósofo. – A decepção foi o mais terrível, foi partir. Não a guerra. A guerra é como tem de ser. Você ficou surpreso por ela ser terrível? Só a partida foi uma surpresa. A surpresa foi as mulheres serem cruéis. Elas podem sorrir e jogar rosas; podem abrir mão de seus maridos, de seus filhos, de seus meninos, que elas colocaram mil vezes para dormir, que cobriram mil vezes, que ninaram, que nasceram delas – essa foi a surpresa! Elas abriram mão de nós – nos mandaram embora, embora! Porque todas teriam ficado constrangidas em não ter um herói; essa foi a maior decepção, meu caro. Ou será que você acha que teríamos partido caso elas não tivessem nos mandado embora? Acha? Pergunte ao jovem camponês mais tosco por que ele quer ganhar uma medalha antes de sair de férias. Porque sua namorada vai gostar mais dele, porque as mulheres vão correr atrás dele, porque, com a medalha, ele vai poder roubar as mulheres dos outros; por isso, só por isso. As mulheres nos mandaram embora! Nenhum general poderia ter feito nada se as mulheres não tivessem nos deixado nos enfiar dentro dos trens, se tivessem gritado que não olhariam mais para nós caso nos tornássemos assassinos. Ninguém teria partido se elas tivessem jurado que não se deitariam com um homem que estourou crânios, atirou em gente, apunhalou gente. Ninguém, estou dizendo! Eu também não quis acreditar que elas podiam ser assim. Estão apenas fingindo, pensei; no primeiro apito, vão gritar, nos arrancar do trem, nos salvar. Elas podiam nos ter protegido por *uma vez*, mas quiseram apenas estar na moda! Em todo o mundo, queriam apenas estar na moda.

Ele sentara-se novamente no banco, como que destrocado. Seu corpo era sacudido por um choro doído, a cabeça

rolava melancólica de um lado para o outro sobre o peito arfante.

Um círculo se formara ao seu redor. O velho oficial da reserva também estava lá, ao lado do médico e quatro guardas, prontos para entrar em ação a qualquer instante. Todas as janelas tinham sido abertas na ala dos oficiais, figuras parcamente vestidas curvavam-se para fora e olhavam curiosas para o jardim.

O doente observou os rostos estranhos, indiferentes, com medo. Ele estava exausto; a garganta rouca não emitia mais sons. Sua mão buscou ajuda na do filósofo, que estava ao seu lado, arrasado.

O médico achou que o momento certo tinha chegado.

– Venha, tenente, vamos dormir – ele falou com uma apatetada calma forçada. – As mulheres são assim. Não dá para fazer nada.

Ele queria continuar falando, levando o doente, sem perceber, para dentro da casa. Mas o susto fez a frase seguinte entalar na sua garganta. O esqueleto sem forças, cambaleante, que havia pouco ainda tinha permitido que o filósofo o erguesse como se tivesse desfalecido, deu um salto, abriu os braços empurrando os dois que queriam ampará-lo ao círculo dos espectadores. Abaixou-se feito um carregador com uma carga pesada às costas e, assim agachado, com as veias saltadas, ele repetiu, espumando de raiva, as palavras do doutor.

– Elas são assim?... São assim? Desde quando, hein? Você nunca ouviu falar das sufragistas que esbofetearam os ministros, queimaram museus, foram acorrentadas em postes de iluminação para terem o direito de votar? Para o direito de votar, ouviu? E por seus maridos? Nem uma palavra, nem um grito!

Ele ficou em silêncio por um instante, recuperando o fôlego, inundado por um desespero selvagem, sufocante.